

Resenhas



A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos

ALBA ABREU LIMA

Resenha do livro *A Parte Obscura de Nós Mesmos: Uma História dos Perversos*, de Elisabeth Roudinesco. RJ: Jorge Zahar Ed, 2008.

"Tudo depende do
que cada sujeito faz da perversão que carrega em si: rebelião,
superação, sublimação..."

A psicanalista e historiadora da psicanálise Elisabeth Roudinesco dispensa apresentações em nosso meio, pela obra extensa e esclarecedora, mas principalmente pela admirável biografia de Lacan. Com rara habilidade literária e aguçada percepção dos fatos de nossa época, tornou-se referência obrigatória aos que conjugam o interesse da inserção da psicanálise na sociedade em que vivemos.

Roudinesco aprofunda nessa obra as distintas dimensões da perversão – na psicanálise, na literatura, na história e na sociedade atual - em um trajeto enxuto, didático, acessível e de grande valor documental. A autora perpassa a história da perversão no Ocidente através de suas grandes figuras emblemáticas: dos santos místicos na Idade Média; passando por Barba Azul e Sade, o "Príncipe dos Perversos", até Auschwitz, para então se debruçar nos pedófilos e terroristas de nosso tempo. Tudo isso para, mais além de nossos julgamentos éticos, provar que a perversão é um espelho da humanidade, exibindo aquilo que não cessa de se dissimular: *a parte obscura de nós mesmos*.

Considera a perversão uma experiência eminentemente humana e universal, já que todo sujeito carrega uma fantasia perversa. Porém, em cada época da história, em cada sociedade, ela é tratada de modo particular, dependendo da categoria de bem ou mal. Para a autora, seja de modo pessoal ou coletivo, como no nazismo ou nas ditaduras, a perversão é sempre sinônimo de perversidade: "gozar de fazer o mal".

No entanto, ela afirma com Freud, que a perversão pode

ser sublimada em seu avesso: a arte. Como, por exemplo, no caso do Marquês de Sade, que, se não tivesse sido escritor, seria um criminoso.

Influenciada por Foucault, autor de "História da Sexualidade", propõe metodologicamente a pergunta: "onde começa a perversão e quem são os perversos?" A questão se coloca no intuito de desenhar um quadro bastante rigoroso da história das perversões: inicia na época medieval, com Giles de Rais, e a experiência mística e dos flagelantes; perpassa o século XVII, em torno da obra de Sade; a sociedade burguesa do século XIX, que contribuiu para o programa da medicina mental com a invenção de uma sexualidade patológica herdada do Iluminismo; e por fim, o século XX, dos genocidas nazistas, quando se exprimiu de maneira mais terrível o real da pulsão de morte em estado bruto. O último capítulo, dedicado à sociedade perversa, aborda a utopia das sociedades democráticas globalizadas, e novamente se pergunta: não haveria risco desse projeto idealizado fazer ressurgir novas formas de perversões, novos discursos perversos?

A autora discorre sobre sua constatação de que a sociedade mercantil tornou-se mais perversa do que os perversos que se pode definir, cuja vontade de gozo é explorada para, em seguida, ser reprimida.

Da abordagem globalizada, a autora adverte que, na atualidade, chegamos ao banimento da perversão, verificando que:

1. Houve o desaparecimento da palavra perversão do léxico psiquiátrico, agora triunfando apenas o rastreamento da mensuração do comportamento; ou seja, destituiu-se o sujeito de suas relações com a linguagem;

2. os critérios comportamentais do DSM abandonaram a subjetividade, e a palavra parafilia agora abrange todas as práticas qualificadas como perversas;

3. as ciências do comportamento, da etologia e da cognição estabeleceram teses insensatas sobre a continuidade entre primatas humanos e não-humanos, fazendo o macaco alcançar o status de humano, do que resulta, na prática, a difusão de cenas de zoofilia na internet como expressão de um sistema perverso, coletivo e anônimo;

4. a domesticação das pulsões, apregoada por Freud, foi esquecida para dar lugar à fetichização pornográfica dos corpos,

ora através do discurso médico puritano que abole a perversão dos manuais, ora como se viu no exemplo recente da Guerra do Iraque, no qual os torturadores foram os primeiros a fotografar, exibir e divulgar seus atos!

Em matéria de sexualidade, apenas o discurso jurídico ainda distingue as práticas legais das ilícitas, substituindo a psiquiatria para diferenciar os parafilicos, ditos “autorizados”, dos parafilicos sociais. Com isso, a perversão, no privado, é normalizada, ocorrendo uma inversão de valores: como os “desviantes” são aqueles que perturbam a ordem pública, algumas patologias, como o alcoolismo, por exemplo, passam a ser consideradas perversas diante da lei.

Restam os pedófilos, que aterrorizam a intimidade familiar com assassinatos de alma, e os terroristas, que servem para a projeção de todas as fantasias de genocídio do corpo social, para desafiar cada vez mais contundentemente as formas de sanção da sociedade. Segundo a autora, os perversos desafiam a Lei. E, se a medicina, substituta da Lei, estimula “terapias” – tratamentos comprovadamente ineficazes – provoca o perverso a desafiar cada vez mais a Lei, pois sua força psíquica ultrapassa qualquer medicalização.

Conclui com algumas reflexões:

♦ A perversão é, de certo modo, intrínseca à civilização e talvez não possa ou não deva ser banida, mas será que precisamos ficar tão fascinados diante dos horrores que a dita civilização propõe?

♦ A tendência do bio-poder de reduzir a alma ao corpo e tratar os sujeitos como mercadorias, decidiu que a questão do desejo pode ser resolvida através da gestão do corpo – nos casos de mutilação e transformação do corpo – em lugar de interrogar sua dimensão clínica.

Por fim, alega que os psicanalistas permaneceram cegos às transformações do olhar que a sociedade dirigia para os perversos, considerando-os inaptos à confrontação com o inconsciente. Somente nos últimos tempos, depois que os psicanalistas homossexuais saíram da clandestinidade e conseguiram impor seus direitos, a abordagem da perversão tem tomado lugar e oferecido recursos psíquicos, uma vez esgotados os recursos da sexologia e da farmacologia.

Enfim, trata-se de uma referência obrigatória aos psicanalistas que se defrontam não apenas com sintomas que buscam particularizar os sujeitos, mas com o pior do humano, que aparece nos catálogos das perversões da contemporaneidade e vão desde o *bodymodification* (pessoas que chegam a colocar chifres e amputar as pernas para serem diferentes) às crianças drogadas e obrigadas a matar seus irmãos na África.